

Subjetividades docentes em tempos de caos: criações¹

Subjetividades docentes en tiempos de caos: creaciones

Teacher subjectivities in times of chaos: creations

Josimara Wikboldt Schwantz²

Ana Paula Menna Alves³

Carla Beduhn Weber⁴

Resumo

A pesquisa "Subjetividades docentes em tempos de caos: criações" investiga as estratégias dos professores para enfrentar o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e seus impactos nas práticas de ensino-aprendizagem. Divide-se em duas etapas: A primeira, já concluída, focou em como o ERE, surgido como solução para a continuidade do processo educacional durante a pandemia, impactou as práticas e subjetividades dos professores. A metodologia incluiu uma revisão bibliográfica de 21 artigos sobre práticas pedagógicas no ensino remoto e a organização de um evento com a participação de professoras contando sobre suas experiências de atuação. Essa etapa resultou na publicação de dois artigos, revelando que a pandemia, além de tudo, gerou angústia e ansiedade nos professores, bem como a necessidade de adaptação a novas tecnologias e métodos de ensino; A segunda etapa, em andamento, visa mapear os processos inventivos utilizando a cartografia. O estudo do método se iniciou com a leitura de autores como Bedin (2014), Passos, Kastrup e Escóssia (2012) e Larrosa (2002), além da organização e participação da equipe no curso "Cartografia, um território de encontros: experimentações metodológicas de pesquisa em educação" em setembro deste ano. A investigação destaca, então, o enfraquecimento do paradigma tradicional de ensino devido ao ERE, evidenciado pela adoção de metodologias ativas e a necessidade de estreitamento da relação entre escola e família. Do mesmo modo, ressaltamos a importância do empreendimento em termos de estudos e aprendizagens sobre modos de fazer pesquisa, a fim de criar procedimentos que comportem as complexidades da contemporaneidade.

Palavras-Chave: Criação; Docência; Ensino remoto emergencial; Subjetividade; Cartografia.

Resumen

La investigación "Subjetividades docentes en tiempos de caos: creaciones" indaga en las estrategias de los docentes para hacer frente a la Enseñanza a Distancia de Emergencia (ERE) y su impacto en las prácticas de enseñanza-

¹ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

² Doutorado; Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas; Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; josimara.schwantz@ufpel.edu.br

³ Graduanda em Filosofia; Universidade Federal de Pelotas; Pelotas; Rio Grande do Sul; Brasil; aninhapaulamennaalves.apma13@gmail.com

⁴ Graduanda em Pedagogia; Universidade Federal de Pelotas; Pelotas; Rio Grande do Sul; Brasil; beduhnwebercarla@gmail.com

aprendizaje. Se divide en dos etapas: La primera, ya concluida, se centró en cómo la ERE, que surgió como solución para la continuidad del proceso educativo durante la pandemia, impactó en las prácticas y subjetividades de los docentes. La metodología incluyó una revisión bibliográfica de 21 artículos sobre prácticas pedagógicas en educación a distancia y la organización de un evento con la participación de profesores que contaron sus experiencias. Esta etapa resultó en la publicación de dos artículos, revelando que la pandemia, además de todo, ha generado angustia y ansiedad en los profesores, así como la necesidad de adaptarse a las nuevas tecnologías y métodos de enseñanza; La segunda etapa, en curso, tiene como objetivo mapear los procesos inventivos utilizando la cartografía. El estudio del método comenzó con la lectura de autores como Bedin (2014), Passos, Kastrup y Escóssia (2012) y Larrosa (2002), así como la organización y participación del equipo en el curso «Cartografía, territorio de encuentros: experimentos metodológicos en investigación educativa» en septiembre de este año. La investigación destaca entonces el debilitamiento del paradigma tradicional de enseñanza debido a la ERE, evidenciado por la adopción de metodologías activas y la necesidad de fortalecer la relación entre la escuela y la familia. Asimismo, destacamos la importancia del emprendimiento en términos de estudio y aprendizaje de formas de hacer investigación, para crear procedimientos que tengan en cuenta las complejidades de la contemporaneidad.

Palabras claves: Creación; Enseñanza; Enseñanza remota de emergencia; Subjetividad; Cartografía.

Abstract

The research "Teacher subjectivities in times of chaos: creations" investigates the strategies of teachers to face the Emergency Remote Teaching (ERE) and its impacts on teaching-learning practices. It is divided into two stages: The first, already completed, focused on how ERE, which emerged as a solution for a continuity of the educational process during a pandemic, impacted teachers' practices and subjectivities. The methodology included a bibliographical review of 21 articles on pedagogical practices in remote teaching and the organization of an event with the participation of teachers telling about their experiences. This step resulted in the publication of two articles, revealing that the pandemic, besides everything, generated anguish and anxiety in teachers, as well as the need to adapt to new technologies and teaching methods; The second step, in progress, map the inventive processes using a cartography. The study of the method began with the reading of authors such as Bedin (2014), Passos, Kastrup and Escóssia (2012) and Larrosa (2002), in addition to the organization and participation of the team in the course "Cartography, a territory of encounters: methodological experiments of research in education" in september this year. The research highlights, then, the weakening of the traditional paradigm of teaching due to ERE, evidenced by the adoption of active methodologies and the need for closer relationship between school and family. Likewise, we emphasize the importance of entrepreneurship in terms of studies and learning about ways to do research, in order to create procedures that incorporate the complexities of contemporaneity.

Keywords: Creation; Teaching; Emergency remote teaching; Subjectivity; Cartography.

1. Introdução

Quais são os impactos na condição pedagógica e subjetiva das e dos professores diante do desafio imposto pelo ensino remoto emergencial, durante o distanciamento social imposto pela pandemia de Covid-19? Partimos desta indagação para desenvolver a pesquisa intitulada “Subjetividades docentes em tempos de caos: criações” e tem como um dos objetivos investigar as estratégias docentes para enfrentar o ERE (Ensino remoto emergencial). Buscamos aqui pensar sobre o impacto dessa transição nas práticas de ensino-aprendizagem e, também, na condição subjetiva dos profissionais da educação.

Encaramos a pandemia como um acontecimento inevitável, o qual foi preciso se adaptar. Nesse período de adaptação, o ERE surgiu como uma possível solução para que o

processo educacional pudesse ter continuidade. Como era algo novo e repentino, muitos professores tiveram que inventar maneiras de educar, considerando o caos no qual estavam inseridos e, dessa forma, cumprissem a sua função. Essa ruptura no fazer pedagógico e a tentativa de adequar outras práticas, não só alteraram as dinâmicas objetivas do trabalho dos docentes como também afetou o seu estado subjetivo.

Compreendemos a subjetividade como algo que se constitui na experiência, na nossa vida social e cultural. Não é inata. Félix Guattari (2012, p. 19) apresenta uma definição que ele chama de provisória para o conceito de subjetividade, como: “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autoreferencial em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva”. Tal conceito nos convoca a entender a subjetividade como processo e produção, sendo produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais.

Como profissionais do social que também somos, enquanto professores ou futuros professores e professoras, nós participamos e também somos acometidos pela produção do social da subjetividade. O que somos é resultado de nossa inserção no mundo e no sentido que damos às nossas atividades. Diante disto, avançamos no interesse em produzir instrumentos teóricos e metodológicos que possibilitem entender os desafios contemporâneos, principalmente aqueles que envolvam a formação e o trabalho educacional, na busca por estratégias de resistência e criação (LIMA; NETO; ARAGON, 2010).

A pesquisa, que está em desenvolvimento, constitui-se em duas etapas: na primeira etapa, já concluída, realizamos uma revisão bibliográfica sobre o tema investigado, buscando nas principais bases de dados científicos/acadêmicos artigos que tivessem relação com a intenção da pesquisa e a perspectiva adotada. Também executamos uma ação de extensão, no formato de evento, com o intuito de proporcionar um intercâmbio entre profissionais de diferentes áreas e o convite à participação no decorrer da pesquisa. Por fim, realizamos a análise dos dados referente tanto ao relato de experiência das professoras participantes da ação de extensão local, quanto em relação aos achados teóricos mais globais. Desse modo, conseguimos verificar o panorama das práticas pedagógicas criadas no ensino remoto.

Já a segunda etapa da pesquisa, a qual ainda está em andamento, tem como objetivo mapear os processos inventivos docentes. Com esse intuito, o grupo de pesquisa tem se ocupado de estudar e aumentar o arcabouço conceitual acerca do método cartográfico baseado nas

filosofias da diferença de Deleuze e Guattari; nas maneiras de fazer pesquisa educacional nesta perspectiva, permitindo acompanhar os processos de produção de subjetividades docentes vividas em contexto de pandemia e pós pandemia.

2. Metodologia

Com o intuito de fundamentar a primeira etapa da pesquisa e descobrir o que já existia de estudos publicados referentes à temática, realizamos uma busca bibliográfica nos principais bancos de dados, dentre eles: *Scielo*, Portal da Capes, Google Acadêmico e Academia.edu. Utilizamos como palavra-chave de busca “práticas pedagógicas no ensino remoto” e, obedecendo critérios de exclusão e inclusão pré-definidos, encontramos um total de 60 artigos publicados entre 2020 e 2022. Destes 60, 53 foram selecionados. Após a leitura dos títulos e resumos destes materiais, agrupamos os artigos em três categorias, considerando o conteúdo apresentado sobre as práticas no ensino remoto emergencial: ERE na educação básica (16 artigos), no ensino superior (18 artigos) e ERE tratado de maneira geral (19 artigos). A partir dessa etapa, realizamos a sistematização de estudos, definindo 21 artigos para leitura compassada e analítica, sendo:

Tabela 1: Artigos estudados a partir da revisão bibliográfica – 1ª etapa da pesquisa

Categoria 1 Educação básica	Categoria 2 Educação superior	Categoria 3 ERE de maneira geral
AURELIANO, F.E.B.S.; QUEIROZ, D.E. As tecnologias digitais como recursos pedagógicos no ensino remoto: implicações na formação continuada e nas práticas docentes. <i>Educação em Revista</i> , v. 39, p. e39080, 2023.	ALMEIDA, M. C. R. Práticas pedagógicas mediadas por tecnologias digitais em período de pandemia. <i>Revista Docência do Ensino Superior</i> , Belo Horizonte, v. 10, e024827, p. 1-20, 2020.	BARROS, R. Ensinar e aprender em tempos pandêmicos: (re)inventando práticas pedagógicas. <i>Revista Educação Pública</i> , Rio de Janeiro, v. 21, n. 44, p. 1-8, dez. 2021.
CARMO, E.F. Desafios da educação em tempos de pandemia: apontamentos e inquietações. <i>Revista Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura</i> -(CAp UERJ), Rio de Janeiro, v. 10, n. 25, p. 116-129, nov./dez., 2021.	CLEMENTINO, A. Planejamento didático no ensino remoto: ênfase nas estratégias pedagógicas e o relato de experiência de uma instituição de ensino superior. <i>Brazilian Journal of Development</i> , v. 7, n. 8 p. 78904-78917, ago. 2021.	COSTA, B. G. S.; ESPIGÃO, H. S.; PINTO, M. R. Professor ou Youtuber? A crise da COVID-19, as mudanças de práticas sociais e a adoção de tecnologias para o ensino remoto. <i>Cadernos EBAPÉ.BR</i> , Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, maio/jun. 2022.
MARQUES, R.; FRAGUAS, T.; CAMPOS, M.A.T. Os professores frente ao trabalho remoto: a COVID-19 como determinante para uma virtualização de emergência. <i>Revista Debates em Educação</i> , v. 13, n. 31, jan./abr. 2021.	GARCIA, R. V. et al. Ensino Remoto Emergencial: práticas educacionais e percepções docentes. <i>Educação & Realidade</i> , v. 48, p. e124612, 2023.	LIMA, G. S. N. Os desafios encontrados pela docência no ensino remoto em tempos de pandemia da covid-19: uma revisão bibliográfica. <i>Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação</i> , São Paulo, v.7, n. 8. p. 860-873, ago. 2021.

X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares - CLAEHM

Dezembro de 2024, Online | claec.org/ehm

Artigos Completos

PINTO, L.R. et al. Atividades pedagógicas não presenciais: Experiências interdisciplinares no IFPR - Campus Curitiba em tempos de pandemia. <i>Instituto Federal Catarinense, Metodologias e Aprendizado</i> , v. 3, 2020.	GUERIN, M. Desafios à implementação do ensino remoto no ensino superior brasileiro em um contexto de pandemia. <i>Educação por escrito</i> , Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 1-12, jul./dez. 2020.	LOBO, T.; OLIVEIRA, R. R.; CASTRO, M. C. Inventar, reinventar e narrar: práticas pedagógicas durante o isolamento social. <i>Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica</i> , Salvador, v. 6, n. 17, p. 312-327, jan./abr. 2021.
SANTOS, F.C.; SILVA, S.C.; TEIXEIRA, R.M.L.; SILVA, C.R. O trabalho docente no cenário da pandemia: relato de experiência sobre as práticas pedagógicas no ensino remoto. <i>Arma da Crítica</i> , Fortaleza, ano 10, n. 14, p. 232-255, dez. 2020.	LUCENA, J. P. O.; ALVES, T. C. L.; RAMOS, A. S. M. O professor no ensino remoto durante a pandemia do novo coronavírus: desafios enfrentados e quebra de sentidos. <i>Revista GUAL</i> , Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 139-162, set./dez. 2022.	MARTINS, V.; CASTRO, B.R.; TRANCOSO, M. V. Criações e percepções docentes no ensino remoto durante a pandemia de COVID-19: uma pesquisa com os cotidianos. <i>Revista Interinstitucional Artes de Educar</i> , Rio de Janeiro, v. 6, n. Especial, p. 157-182, jun./out. 2020.
SOUZA, A.P.G.; REALI, A.M.M.R. Construção de práticas pedagógicas na educação básica em tempos de pandemia. <i>Práx. Educ.</i> , Vitória da Conquista, v. 18, n. 49, e9121, 2022.	Martins, V.; CASTRO, B. R.; TRANCOSO, M. V. Criações e percepções docentes no ensino remoto durante a pandemia de covid-19: uma pesquisa com os cotidianos. <i>Revista Artes de Educar, [S. l.]</i> , v. 6, p. 157-182, 2020.	MESQUITA, S. S. A.; SOUZA, M. I. G. F. M. Lógicas de ação docente em tempos de pandemia: entre inovações pedagógicas e a manutenção da forma escolar. <i>Revista Diálogo Educacional</i> , Curitiba, v. 22, n. 73, p. 934-959, abr./jun. 2022.
TRINDADE, S.; CORREIA, J.; HENRIQUES, S. O ensino remoto emergencial na educação básica brasileira e portuguesa: a perspectiva dos docentes. <i>Rev. Tempos Espaços Educ.</i> v.13, n. 32, e-14426, jan./dez. 2020.	SANTOS, Maria. OLIVEIRA, Luiza. LATINI, Rose. SBANO, Valmir. <i>Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico</i> , v. 6, Edição Especial Desafios e avanços educacionais em tempos da COVID-19, e155520, 2020.	VIEIRA, J.; CARDOSO, C.; SILVA, E. Aprendizagem remota em tempos de pandemia: reflexões sobre a prática docente. <i>Research, Society and Development</i> , v. 10, n. 13, e470101321329, 2021.

Fonte: Tabela criada pelas autoras (2024).

Para complementar a metodologia da coleta de dados e ampliar as possibilidades da pesquisa, foi organizado pelo grupo um evento de extensão chamado “A docência em tempos de caos: O que dizem as professoras?” no mês de agosto de 2023, no qual foi proporcionado o encontro com quatro profissionais que lecionaram durante o ERE, em diferentes níveis de ensino. Essa iniciativa permitiu ampliar as nossas perspectivas de análise em relação às transformações paradigmáticas e seus impactos no exercício da docência diante do novo cenário educacional. Durante um mês, com encontros semanais na Faculdade de Educação da UFPel, escutamos quatro professoras a respeito de suas experiências de atuação durante a pandemia no Brasil e, uma delas, contando sobre suas vivências neste período no Canadá. As falas das professoras foram gravadas e transcritas para fins de pesquisa, com seus livres consentimentos. Conseguimos construir um diálogo entre elas e os estudantes de Graduação de diferentes cursos de licenciaturas e Pós-Graduação sobre a resignificação do trabalho pedagógico-didático e como isso afeta/afetou as maneiras de se ver/ser docente atualmente.

Como fim da primeira etapa, buscamos relacionar os achados aos estudos empreendidos na perspectiva das filosofias da diferença de Deleuze (1999), Deleuze e Guattari (2010) e Corazza (2013). Esses referenciais auxiliaram na compreensão do processo de criação docente em contexto de ERE e de que modo isto veio a impactar não apenas a prática profissional, mas também a autoimagem e a compreensão da docência enquanto profissão do social.

Na segunda etapa da pesquisa, iniciada neste último semestre de 2024, temos como um dos propósitos mapear os processos inventivos docentes encadeados em função das demandas do ensino emergencial, bem como entender as condições e as forças de produção de subjetividades implicadas nestas vivências. Para tal, começamos por estudar e compreender os princípios do método da cartografia e suas possibilidades no campo da educação. Iniciamos nossas atividades pela leitura de alguns textos com notória relevância para adentrar a perspectiva cartográfica. Primeiramente, lemos o artigo denominado “Cartografia: uma outra forma de pesquisar” (BEDIN, 2014). Já a segunda leitura foi a do primeiro capítulo do livro “Pistas do método da cartografia” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012), que tem o título “Pista 1: A cartografia como método de pesquisa-intervenção”. Nossa terceira leitura do semestre foi do artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” (LARROSA, 2002), sendo que esta serviu como complemento às leituras anteriores. Esses textos foram estudados e discutidos durante as semanas de encontro com o grupo. Depois da parte teórica, propusemos um evento aberto à comunidade acadêmica no intuito de ampliar os horizontes das discussões.

Em setembro deste ano, realizamos um curso chamado “Cartografia, um território de encontros: experimentações metodológicas de pesquisa em educação”, o qual foi dividido em quatro encontros semanais para os quais convidamos pesquisadoras que pudessem contar sobre o fazer pesquisa nesta perspectiva filosófica e educacional. Além da oportunidade de ampliar nossos conhecimentos, pudemos estreitar laços com outras unidades acadêmicas e instituições, de modo a pensar em estratégias para oportunizar espaços para as invenções didáticas-pedagógicas docentes bem como realizar uma cartografia sobre esses processos de invenções e resistência em meio ao caos.

3. A docência em meio ao caos: invenções e possibilidades

A partir dos resultados sistematizados na primeira etapa da pesquisa, obtivemos a publicação de dois artigos, sendo eles “A docência em contexto pandêmico e os impactos na subjetividade” (GONÇALVES; ALVES; SCHWANTZ, 2024) e “A docência em tempos de caos: efeitos da pandemia nas práticas pedagógicas” (SILVA; SCHWANTZ, 2024). Respondendo à questão problemática da pesquisa, a partir das discussões apresentadas em tais artigos, foi possível perceber que a pandemia se tornou um caos na vida de todos e, evidentemente, colocou desafios em termos de atuação docente. De acordo com Deleuze (2010), o caos se configura como um acontecimento que foge da normalidade, daquilo que sai da nossa zona de conforto e, por conta disso, somos incapazes de compreendê-lo, em um primeiro momento. Ele nos desterritorializa e produz outras ações e reações, em nossa mente e corpo.

O período da pandemia foi um vetor de angústia e ansiedade para todos os envolvidos no ato de educar: professores, funcionários, estudantes e suas famílias. Segundo Gonçalves, Alves e Schwantz (2024) tais sentimentos, não apenas afetou o bem-estar emocional dos docentes mas, também, sua motivação e desempenho, pois muitos não tinham recursos tecnológicos nem emocionais para acompanharem as novas demandas. Esta resposta teve como causa, dentre outros fatores, a necessidade de reaprender a dar aula, não apenas à distância, mas lidando com tecnologias pouco ou nunca utilizadas, com novos equipamentos, somado ao fato de que foi preciso criar ou readaptar outros métodos de ensino, diferentes dos tradicionais, durante a situação adversa causada pela pandemia.

Por conta disso, em muitos casos, houve a implementação de metodologias ativas de ensino e a necessidade de estreitar o vínculo entre família e escola. Esse fato, inclusive, foi relatado por uma das professoras durante o evento de extensão em 2023, a qual destacou, em sua experiência, que a aproximação do trabalho docente com a família foi um fator importante para a mediação da ação educativa em tempos de distanciamento, possibilitando a realização de algumas práticas de intuito exploratório e lúdico, principalmente entre os níveis da educação infantil e do ensino fundamental (SILVA; SCHWANTZ, 2024).

Consequentemente, a principal mudança subjetiva percebida entre os docentes foi em relação a sua autoimagem: não mais se enxergar como apenas “o detentor do conhecimento” a ser transmitido mas, sim, entender a importância de seu papel como mediador que integra o saber e a prática a partir da realidade, com foco na ação extensiva, reflexiva e crítica. Apesar

das dificuldades de trabalho apresentadas durante o ensino emergencial, considerando um fazer possível para aquele momento vivido, as professoras pontuaram em suas falas sobre a importância dos espaços escolares, valorizando as dinâmicas presenciais e corpóreas estabelecidas na relação de ensino e aprendizagem, entre estudantes e professores, em todos os níveis de ensino. Enfatizaram, também, o trabalho coletivo nesse empreendimento, o que só foi possível mediante escolas, equipes e famílias comprometidas com a aprendizagem dos discentes.

Depois que passa o caos, o que resta? Acho que é um cenário fácil de lembrar por que a gente passou por isso a pouco tempo [...] agora vamos olhar o que ficou. Ficou que a gente descobriu que estávamos sendo “jurássicos” para não dizer outro tipo de palavrão pior [...] de trabalhar só com a criança. A criança tem quatro horas contigo num turno parcial, e outras 20 horas com a família. Se tu não orientar a família, o que adianta o que tu fez com ela?! (Relato da Professora Larissa).

A professora menciona a condição que o trabalho distanciado gerou em relação ao contato com as famílias. Se antes as atividades pedagógicas eram focadas na relação professor-aluno em sala de aula, após a experiência pandêmica, percebeu-se a necessidade de maior diálogo entre as famílias e o estabelecimento de uma parceria que coadunasse o sucesso da criança no seu percurso escolar. Evidentemente, as práticas colaborativas obtiveram melhores respostas durante esta experiência de modelo “alternativo” de ensino (BARROS, 2021).

Apesar do trabalho realizado de maneira distanciado, do sentimento de insegurança causado pelo contexto e, em muitos casos, pela negligência de órgãos administrativos, as professoras criaram aulas possíveis dentro da necessidade apresentada. A parceria entre as famílias foi fundamental na concretização das ideias para as atividades remotas, conforme a Professora Larissa menciona:

O nosso trabalho, feito em quatro paredes e algumas janelas, às vezes os pais ouvem, mas dificilmente eles enxergam [...] foi a possibilidades deles verem, de fato, o por que tem tanto brinquedo, tanta caixa [...]. A gente olhava aquelas fotos, daquelas crianças e era isso que nós tínhamos em mente: propor um momento gostoso em família; propor um momento de desenvolvimento em família; propor um momento de aprendizagem em família. Esperando felicidade, risadas e descobertas.

O cenário apresentou muitas fragilidades em termos pedagógicos e didáticos, mas, também, propiciou uma oportunidade de entender as dinâmicas familiares dos estudantes, suas

condições socioeconômicas, culturais e de relações interpessoais. Estas foram importantes referências para que as/os docentes pudessem construir planejamentos que se adequassem às diferentes realidades. Percebemos, não somente nas experiências relatadas pelas professoras, mas, nos artigos estudados e sistematizados durante a busca bibliográfica, que a crise sanitária estabeleceu novas rotinas nas vidas dos professores e estudantes. Adequações em termos espaciais e curriculares que afetou bruscamente as práticas sociais, as maneiras de comunicação, interação. O consumo tecnológico, como plataformas online de compartilhamento de vídeos, como o *Youtube*, por exemplo, foi, em muitos casos, não somente uma maneira de complementar o entendimento dos conteúdos aprendidos, mas, uma forma de entretenimento virtual, conforme visto em Costa; Espigão; Pinto (2022), Barros (2021), Aureliano e Queiroz (2023).

Podemos afirmar, juntamente com as ideias de Corazza (2013), que na caminhada pelo conhecimento que é construído e inventado, eles e elas, docentes da educação brasileira, forjaram um exercício, foram enquadradas em modelos, tentaram enquadrar-se de algum modo, mas também, escapar e produzir pequenas fissuras nas estruturas. Nessa dinâmica, entre idas e vindas, erros, acertos e recomeços, um tanto de energia foi disposta nesse andarilhar pelo desconhecido, durante o ERE. Caminhos estes um tanto sinuosos, de velocidades e lentidões, uma espécie de cartografia. E, apesar das dificuldades, continuaram (e continuamos nós) a educar. Mas por quê? Fica a interrogação e o que nos move seguir a pesquisar.

Com relação ao que está sendo feito na segunda etapa da pesquisa, as leituras de Bedin, (2014), Passos; Kastrup; Escóssia, (2012) e Larrosa (2002) tem nos permitindo um melhor entendimento sobre o método da cartografia. Este método está relacionado com a prática enquanto intervenção, percebendo a impossibilidade do distanciamento entre sujeito (pesquisador) e objeto (pesquisados). Inclusive, esta perspectiva de prática de pesquisa é baseada em encontros, ou seja, tudo aquilo que no território situado nos afeta de uma maneira que nos marca. Por isso que, ao contrário da geografia, enquanto uma área de conhecimento específica que tem como preocupação representar mapas de lugares, cidades e países, o método da cartografia tem como objetivo acompanhar e mapear processos, algo que está em andamento e não estático.

Importante ressaltar também que a cartografia funciona de maneira inversa ao método tradicional de pesquisa. Se a investigação baseada numa perspectiva tradicional se inicia pelas

metas que são traçadas previamente; na cartografia, adentramos um território (subjetivo, político, social, etc) e, a partir daí, dadas as condições apresentadas, as metas vão sendo estabelecidas, conforme o entendimento construído sobre os processos em curso daquele campo pesquisado.

Em relação ao curso de extensão “Cartografia, um território de encontros: experimentações metodológicas em educação”, apesar da sua recente finalização, este tem contribuído para solidificar e ampliar a nossa concepção de cartografia adquirida pelas leituras, nos mostrando, inclusive, suas potencialidades metodológicas e éticas para a construção de uma pesquisa em educação.

4. Conclusão

As reflexões geradas na primeira etapa da pesquisa permitem perceber como a pandemia e o modelo de ERE impactaram a todos, inclusive a vida e o trabalho docente. Houve mudanças nas maneiras de ser e exercer a profissão neste período que foram fundamentais para rever tanto as práticas pedagógicas exercidas em contexto presencial e não presencial, quanto os processos subjetivos emergentes, considerando as condições de possibilidades apresentadas durante e após a pandemia. A pesquisa segue em andamento, bem como os estudos na direção de aprender sobre métodos de investigação em perspectivas que deem lugar a procedimentos mais abertos, possibilitando acompanhar os processos de subjetivação e de invenção do exercício docente, mapeando sua pluralidade, transgressões e mutações.

Referências

AURELIANO, F. E. B. S.; QUEIROZ, D. E. As tecnologias digitais como recursos pedagógicos no ensino remoto: implicações na formação continuada e nas práticas docentes. *Educação em Revista*, v. 39, p. e39080, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edur/a/PDVy8ythhFbqLrMj6YBfxsm/#> Acesso em: 23 out. 2024.

BARROS, R. Ensinar e aprender em tempos pandêmicos: (re)inventando práticas pedagógicas. *Revista Educação Pública*, v. 21, n. 44, dez. 2021. Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/44/ensinar-e-aprender-em-tempos-pandemicos-reinventando-praticas-pedagogicas> Acesso em: 08 ago. 2023.

CORAZZA, S. M. *O que se transcria em Educação?* Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

COSTA, B. G. S.; ESPIGÃO, H. S.; PINTO, M. R. Professor ou Youtuber? A crise da COVID-19, as mudanças de práticas sociais e a adoção de tecnologias para o ensino remoto. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 03, maio/jun. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/JXwLzYrPDCTp7fh7H8Jft4r/abstract/?lang=pt> Acesso em: 23 out. 2024.

COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria. v. 7, n. 2, p. 66-77, 2014. ISSN 1983-7348. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 10 out. 2024.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 19-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2024.

DELEUZE, G. *O ato de criação*. Trad. José Marcos Macedo. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 jun. 1999. Caderno Mais, p. 4.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* 3ª ed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

GONÇALVES, M. S.; ALVES, A. P. M.; SCHWANTZ, J. W. A docência em contexto pandêmico e os impactos na subjetividade. *Revista Semiárido De Visu*, v. 12, n. 2, p. 807–822, 2024. ISSN 2237-1966. Disponível em: <https://semiaridodevisu.ifsertao-pe.edu.br/index.php/rsdv/article/view/1062> Acesso em: 10 out. 2024.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

LIMA, E. A.; NETO, J. L. F.; ARAGON, L. E. (Orgs.). *Subjetividade contemporânea: desafios teóricos e metodológicos*. Curitiba: Editora CRV, 2010.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. da. *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2015. p. 17-31.

SILVA, J. T.; SCHWANTZ, J. W. A docência em tempos de caos: efeitos da pandemia nas práticas pedagógicas. *Educação Em Foco*, v. 29, n. 1, p. 1-17, 2024. ISSN 0104-3293. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/e29027>. Acesso em: 10 out. 2024.